

Verbos-suporte dar/levar: um caso de gramaticalização?

Supporting verbs dar/levar: a case of grammaticalization?

Aucione Smarsaro¹, Violeta Virgínia Rodrigues²

¹ Professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. aucione@uol.com.br

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. violetarodrigues@uol.com.br

RESUMO: Este artigo tem como foco o uso dos verbos-suporte *dar/levar*, seguido de nomes predicativos, em orações que estabeleçam a relação N_0 *dar* N_{pred} em $N_1 = N_1$ *levar* N_{pred} de N_0 (*João deu um fora em Maria = Maria levou um fora de João*), em contextos nos quais eles apresentam uma correspondência sintático-semântica. Visa-se avaliar em qual medida os fatos confirmam a hipótese de que esses verbos, nesse tipo de estrutura, formam uma palavra gramatical. Para a descrição, apresenta-se um conjunto de exemplos construídos com base na intuição de aceitabilidade por falantes nativos. Conjugam-se os pressupostos teóricos do Léxico-Gramática (GROSS, 1975) e dos Parâmetros de Gramaticalização (HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991) para confirmar se a passagem de um verbo pleno a verbo-suporte caracteriza o resultado de um processo de gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo pleno; Verbo-suporte; Léxico-Gramática; Gramaticalização.

ABSTRACT: This paper focuses on the use of the support verbs “dar” (give) and “levar” (take/get) followed by predicational nouns, occurring in sentences structured as N_0 *dar* N_{pred} a $N_1 = N_1$ *levar* N_{pred} de N_0 (*João deu um fora em Ana = Ana levou um fora de João*), in contexts in which there is a syntactic-semantic correspondence. We also aim to evaluate the extent to which the facts confirm the hypothesis that, in this type of structure, these support verbs constitute a grammatical word. The description includes a set of examples widely used in the web and yielded by relying on native speakers’ intuition about acceptability. Lexicon-Grammar (GROSS, 1975) and Grammaticalization (HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991) are articulated in order to confirm whether the transformation of the plain verb *dar/levar* into a support verb can be considered a process of grammaticalization.

KEYWORDS: Plain verb; Support Verb; Lexico-Grammar; Grammaticalization.

Introdução

Este artigo tem como foco o uso dos verbos-suportes *dar/levar*, seguido de nomes predicativos, em orações que estabelecem a relação N_0 *dar Npred* a $N_1 = N_1$ *levar Npred* de N_0 , por exemplo, (*João deu um fora em Maria = Maria levou um fora de João*)¹, em contextos nos quais eles apresentam uma correspondência sintático-semântica. A complexidade deste estudo vem da multifuncionalidade dos verbos *dar/levar* e das diferenças sintáticas e semânticas entre entradas lexicais, representadas por eles.

Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo analisar e descrever as propriedades sintático-semânticas dos verbos-suporte *dar/levar* (GROSS, 1975) e avaliar em qual medida os fatos confirmam a hipótese de que estes verbos-suporte, nas estruturas analisadas, são palavras gramaticais com base nos parâmetros sobre gramaticalização (HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991).

Apresenta-se neste artigo um recorte de vários exemplos construídos e se verifica que quando o verbo *dar/levar* se junta a um *Npred*², por exemplo, *dar/levar um chute*, *dar/levar um susto*, *dar/levar um bolo*, *dar/levar um calote*, *dar/levar um fora*, *dar/levar um sermão* *dar/levar uma bronca*, *dar/levar um tiro*, *dar/levar um tapa*, etc.; muitas mudanças de sentido são operadas no verbo *dar/levar*, que perdem ou diminuem o seu sentido lexical prototípico, adquirindo novos sentidos, dependendo do contexto de uso.

É comum pensar que os verbos-suporte se originam diacronicamente de verbos plenos e que, na transformação para verbo-suporte, eles

¹ Nesse tipo de estrutura, os argumentos N_0 e o N_1 são representados por dois nomes humanos (*Nhum*). Todas as orações analisadas possuem um sujeito, na oração de base, representado por N_0 . / N_0 representa nome ou grupo nominal que ocupa a posição de sujeito na oração de base, que pode ser representado por $N_0 =$: *hum.*; $N_0 =$: *conc.*; $N_0 =$: *abs.* / N_1 e N_2 representam nome ou grupo nominal que ocupa a posição de complemento do predicado na oração de base. / *Nhum* representa um nome humano.

² *Npred* representa um nome predicativo.

adquirem características de palavras gramaticais. O uso dos verbos *dar* e *levar* seguido de *um nome predicativo (Npred)* parece decorrer de um processo de gramaticalização dos verbos plenos *dar* e *levar*, o que pode ser demonstrado, dentre outras características, pela grade argumental original dos verbos plenos *dar* e *levar*. Por definição, um verbo-suporte não tem grade argumental, pois não é o núcleo do predicado.

Os verbos *dar/levar* podem funcionar como verbo pleno (*João deu um livro para Maria/Maria levou o livro para a escola*); como verbo-suporte (*João deu um susto em Maria/Maria levou um susto de João*) ou como componente de expressão fixa (*Maria não deu o ar da graça na festa/Maria não leva a sério os estudos*). Mas, a análise e descrição que se apresentam neste artigo buscam elementos que possam explicar se uma construção³ com verbo-suporte pode também ser considerada um caso de gramaticalização.

Os estudos que sustentam a descrição estão respaldados pelo método-teórico do Léxico-Gramática (GROSS, 1975) e definem critérios formais que identificam as construções com verbo-suporte e nome predicativo.

Os estudos sobre Gramaticalização identificam critérios universais que caracterizam palavras gramaticais e processos de gramaticalização em geral. Meillet (1965), um dos precursores da teoria moderna da gramaticalização, afirma que esta se dá através de um *continuum*, ou seja, há uma passagem de itens lexicais a gramaticais.

A perspectiva teórico-metodológica do Léxico-Gramática, por sua vez, permite observar e registrar fatos descritivos concretos sobre verbos plenos e verbos-suporte. As estruturas são descritas com vistas à delimitação de entradas lexicais, para a elaboração de recursos linguísticos que possam ser utilizados no processamento automático de linguagem natural (PLN),

³ O termo construção sintática (ou construção gramatical) é usado com o sentido que tem esse termo em sintaxe geral, ou seja, para denotar qualquer padrão gramatical com regularidades morfológicas, sintáticas e semânticas.

e essa finalidade requer categorias linguísticas discretas e fronteiras bem definidas. As diferentes noções de sentido estabelecidas nas relações de uso da língua são atualizadas, pois as contingências sócio-históricas e a pressão da língua em uso sobre o léxico e a gramática transferem continuamente estruturas de uma categoria para outra. Por isso, os léxicos-gramáticas são revisitados e atualizados por linguistas.

Há na literatura inúmeros trabalhos formalistas que descrevem o comportamento dos verbos-suporte e dos nomes predicativos que com eles ocorrem. Dentre os estudos de referência, destacam-se as descrições dos predicados nominais em francês (LECLÈRE, 1971; LABELLE, 1974; GROSS, 1975, 1976, 1981; GIRY-SCHNEIDER, 1978).

Para as descrições do português europeu destacam-se Ranchhood (1990); Baptista (1997, 2005); Athayde (2001) e Chacoto (2005). E para as análises dos verbos-suportes e nomes predicativos em português do Brasil destacam-se Neves (1996); Basílio (1999); Scher (2004); Davel (2009); Duran (2011), Rassi e Vale (2013); Laporte e Pacheco (2013) e Barros (2014).

Também se podem destacar inúmeros trabalhos na perspectiva funcionalista que procuram orientar a observação das características de um item quando representa mudanças e variações que o levam a condição de item gramaticalizado, por exemplo: Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991); Bybee (2002); Gonçalves et al. (2007); Vitral e Ramos, (2006); Trousdale e Traugott (2010); Furtado da Cunha, (2013); Braga e Paiva (2011); Cezário (2012) e Martelotta (2011).

No entanto, os trabalhos já desenvolvidos para o português do Brasil não apresentam uma descrição que mostra as relações de correspondência semântica entre os verbos-suporte *dar/levar*, visando a identificar as razões, por meio de critérios sintáticos, pelas quais um verbo-suporte pode ser visto como palavra gramatical. O enfoque deste estudo não é o percurso ou a motivação de variações e mudanças que uma construção linguística

esteja sofrendo na sua ocorrência, e sim, o sentido expresso no uso de cada ocorrência.

De acordo com o método do Léxico-Gramática, os diferentes deslizamentos de sentido de uma construção são observados nas transformações sintáticas, porque daí é mais seguro se observar as mudanças de sentido, pois elas se tornam explícitas, a partir do resultado de operações como a aplicação de critérios. Busca-se, portanto, identificar e descrever se há gramaticalização dos verbos-suporte *dar/levar*, a partir das alterações de propriedades sintático-semânticas observadas em contexto de uso, considerando as relações discursivo-pragmáticas que podem promover a alteração do sentido do verbo, do seu estatuto categorial de um ponto de vista sincrônico.

Os estudos sobre gramaticalização tentam explicar como o fenômeno apareceu. Já a proposta do Léxico-Gramática é fazer uma descrição sincrônica do fenômeno. Embora as mudanças ocorram de maneira gradual, é possível também, em alguns casos, ver esgotado todo o percurso de mudança de um item. São esses casos que interessam, sem a pretensão de explicar como surgiram, mas descrevê-los, enquanto unidades linguísticas que atendem as nossas necessidades de comunicação.

Aos linguistas de diferentes áreas, como interpretadores das unidades linguísticas, cabe buscar explicações para as variações e mudanças de sentido das construções lexicais, bem como descrever esses fenômenos por meio de suas propriedades lexicais e gramaticais.

1 Pressupostos teóricos

1.1 O Léxico-Gramática

O Léxico-Gramática (GROSS, 1975) possui como base a Teoria Transformacional de Harris (1964), quando propõe que existem orações de base ou *standard*, sobre as quais podem se realizar algumas transformações,

ou seja, alterações na estrutura sintática, sem que estas causem mudanças de sentido, como a passiva, a simetria e a conversão. As orações *standard* são formadas por um predicador e seus argumentos, podendo ser esse predicador um verbo, um nome ou um adjetivo (BARROS, 2014, p. 26).

O termo *Léxico-Gramática* sugere que haja uma gramática específica para cada item lexical de uma língua e que, portanto, deve-se descrever a gramática do léxico, a partir de suas propriedades formais, distribucionais e transformacionais. Para o *Léxico-Gramática*, a unidade mínima de análise é a oração simples e não apenas a palavra ou o sintagma. É necessário descrever as propriedades sintáticas e semânticas das orações simples, porque delas se pode derivar todas as orações complexas da língua (RASSI; VALE, 2013, p. 108). O *Léxico-Gramática*, portanto, baseia-se fundamentalmente na teoria de operadores de Harris (1976). Sua hipótese de base é a de que a informação é transmitida na linguagem por meio de frases simples, definidas assim como a unidade mínima de significação.

Laporte (2008, p. 29) ressalta que a unidade mínima tomada como contexto para a descrição de uma palavra é a frase elementar. Por isso, todas as propriedades de um item lexical são observadas em frases. Considera-se frase uma sequência linguística em que as palavras estabelecem mínima relação sintática com outras palavras da frase (SMARSARO; PICOLI, 2013, p. 335). Essa mesma noção é chamada oração ou período por vários autores. Optamos pelo uso do termo oração.

O *Léxico-Gramática* se insere num modelo formalista e propõe uma descrição de estruturas da língua, a partir de uma visão sincrônica, porque tem como objetivo descrever os fenômenos linguísticos e não explicar como eles apareceram; codificar as propriedades de cada item ou construção lexical, levando em conta o emprego e as relações de sentido que estabelecem com outros itens, em contexto de uso. Entretanto, não faz parte dos objetivos deste

artigo apresentar uma codificação das propriedades sintático-semânticas. Esse trabalho será apresentado em etapas futuras.

Os fatores semânticos são levados em consideração no *Léxico-Gramática*, na medida em que eles podem ser corroborados por critérios sintáticos operacionais, especialmente quando fatos de natureza puramente semântica são vulneráveis por depender da intuição pessoal do linguista ou do falante nativo que os avalia.

Essa descrição, certamente, traz contribuições a aplicações em processamento automático de linguagem natural (PLN). Contudo, esse trabalho ainda vai requerer etapas futuras, a formalização das propriedades estruturais, pois a máquina não compreende informações linguísticas que não estejam formalizadas.

1.2 Gramaticalização

O aporte teórico que se associa ao *Léxico-Gramática* é o funcionalismo na perspectiva dos estudos sobre Gramaticalização. Para a investigação do caráter multifuncional dos verbos-suporte *dar/levar*, acolhemos a definição de Gramaticalização, de acordo com a visão dos autores Meillet (1965) e Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991).

Meillet (1965), um dos precursores da teoria moderna da Gramaticalização, afirma que esta se dá através de um *continuum*, ou seja, há uma passagem de itens lexicais a gramaticais. Segundo esse autor, a gramaticalização é a passagem de uma palavra autônoma para o papel de um elemento gramatical, constituindo-se num dos principais processos de mudança linguística. Para Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), existe gramaticalização quando uma unidade lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical. Muitos estudiosos se preocuparam com o processo de gramaticalização, tendo em vista sua importância para a mudança linguística.

Dentre os diversos fatores responsáveis pelo processo de gramaticalização destaca-se, nesta pesquisa, a multifuncionalidade no uso do verbo *dar*, quando estabelece uma relação de correspondência semântica com o verbo *levar*.

2 Metodologia

Para pôr à prova as hipóteses de trabalho, apresenta-se um conjunto de exemplos construídos com base na intuição de aceitabilidade por falantes nativos. Esse conjunto de exemplos não é um *corpus* preexistente, mas é construído por um trabalho de análise, a partir de nossos conhecimentos linguísticos. Recorreu-se ao *Google* em busca de um “espelhamento” para verificar se as transformações sintáticas produzem sentido não só do ponto de vista da interpretação do falante nativo, mas também em uso da língua atestado na *web*.

Os resultados vêm da observação, análise e descrição, e para isso faz-se necessária algumas etapas de trabalho com orientação do Léxico-Gramática: (i) criar orações simples, a partir do nosso conhecimento linguístico de falantes nativo com o verbo *dar* em que se pode observar uma relação de correspondência semântica com o verbo *levar*; (ii) selecionar textos da *web* para verificar se o sentido dos verbos apresentados nas orações construídas são atestados; (iii) identificar quais propriedades distinguem os verbos *dar/levar* como um verbo pleno ou verbo-suporte); (iv) identificar quais são os nomes predicativos responsáveis pela predicação nas construções com verbo-suporte analisadas; (v) identificar se os nomes predicativos que co-ocorrem com esses verbos são abstratos; (vi) identificar quais construções apresentam uma combinação entre o verbo-suporte e o nome predicativo que apresentam uma forma nominalizada correspondente; (vii) identificar se na combinação entre esses dois elementos – verbo e nome – as restrições

semânticas são impostas pelo verbo ou pelo nome; (viii) verificar se a alternância dos verbos provoca mudança de sentido nas construções, em cada exemplo.

A partir desses passos, descrevem-se primeiramente as estruturas com os verbos-suporte *dar/levar*, considerando as seguintes propriedades sintático-semânticas: (i) formais: quantidade de argumentos, tipo de determinante que acompanha o *Npred* e tipo de preposição entre os argumentos, (ii) distribucionais: quanto ao tipo de argumento, seja N_0 , N_1 ou N_2 e (iii) transformacionais: passiva, conversão, nominalização, restrição imposta pelo verbo ou pelo nome.

Após esse trabalho de análise e descrição, com orientação do Léxico-Gramática, analisam-se os mesmos exemplos, conforme os parâmetros e características de Gramaticalização, em três etapas: (i) identificar quais parâmetros e características de gramaticalização se aplicam aos mesmos exemplos analisados, utilizando as observações obtidas com a aplicação de critérios formais, (ii) identificar nas análises quais critérios tendem a indicar que os verbos-suporte *dar/levar* são palavras gramaticalizadas, (iii) identificar em que condições um verbo-suporte pode ser considerado um item lexical gramaticalizado.

3 O conceito de verbo-suporte

Na verdade, Harris (1964) foi o primeiro a operar com a noção de verbo-suporte no intuito de definir o tipo de relação que existia entre duas orações do inglês. Assim, ele propôs uma comparação entre duas orações, considerando que as orações com verbo-suporte e nome predicativo (*Vsup + Npred*) são orações simples. Este conceito foi introduzido por Harris (1964), para tratar sintaticamente das relações de nominalizações. Para ele, os verbos-suportes serviam apenas para reestruturar orações sem mudar-

lhe o sentido. Gross (1981) compartilha da mesma ideia de Harris (1964), defendendo que a escolha por um verbo distribucional pleno ou verbo-suporte poderia ser uma questão basicamente estilística. Atualmente, há vários estudos linguísticos que tentam explicar o funcionamento do verbo-suporte, a partir de suas propriedades sintático-semânticas.

O trabalho de delimitação do que é ou não é uma construção com verbo-suporte foi feito originalmente pelo Léxico-Gramática, a partir de 1970. Antes, a noção de verbo-suporte (ou verbo leve na época) era uma intuição vaga, e a partir daí passou a ser uma noção científica. Duran (2011) apresenta uma distinção entre esses conceitos. O primeiro é um conceito sintático, enquanto o segundo é considerado um conceito semântico.

Segundo Scher (2004, p. 23, apud DAVEL, 2009), o termo ‘verbo leve’ (*light verb*), foi introduzido na literatura linguística inglesa por Jespersen (1949). Sua intenção era fazer referência a uma tendência geral do inglês moderno de usar um verbo tematicamente vazio, ao qual se associa a um elemento nominal, responsável pela ideia realmente importante da sentença, ou seja, pelo evento ou ação que vem expressa pelo elemento nominal seguinte. Segundo Athayde (2001, p. 9, apud DAVEL, 2009, p. 31), o termo verbo-suporte tem sua origem no francês “*verb support*”, cuja designação foi proposta pelo L.A.D.L (*Laboratoire d’ Automatique* da Universidade Paris VII e Paris VIII), no âmbito dos estudos orientados pelo Léxico-Gramática. Especialmente na literatura francesa, os verbos-suporte têm sido investigados, cientificamente, por Gross (1975, 1976, 1981), Gross e Vivès (1988), Gross (1978, 1989) e por Giry-Schneider (1978).

Em Portugal, Ranchhod (1990) e Baptista (1997) têm investido nesses estudos no âmbito da linguística descritiva. Para o português do Brasil, as publicações sobre verbos-suporte ou verbos leves surgem no final dos anos 90 e início do século XXI, com trabalhos como de Borba (1996) e Neves (1996), que introduziram os estudos identificando ocorrências dos verbos-

suporte em *corpus* de língua falada; Machado Vieira (2001), que desenvolveu sua tese de doutorado acerca das predicções com o verbo *fazer*; Scher (2004), que desenvolveu sua tese acerca das construções com o verbo leve *dar* e nominalizações em -ada; Rassi (2008), Laporte (2013) e Barros (2014).

Adota-se nesta pesquisa o conceito de verbo-suporte, de acordo com a Teoria do Léxico-Gramática definida por Gross (1975), por estar embasado em critérios sintáticos para se identificar esse tipo de verbo.

4 O conceito de gramaticalização

A gramaticalização é definida como o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos linguísticos, a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). De acordo com Gonçalves (2007), dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral. Segundo Bybee (2002), nos últimos vinte anos, os pesquisadores elaboraram uma teoria da gramaticalização, ou seja, o processo pelo qual a gramática é criada, e desta pesquisa a primeira conclusão que se apresenta é a de que a gramática não é um sistema estático, fechado ou autossuficiente, mas altamente suscetível a mudanças e altamente afetada pelo uso da língua.

Voltando a Gonçalves (2007), a gramaticalização pode ser considerada processo, mas também paradigma, da mesma forma que pode ser também um fenômeno diacrônico ou sincrônico. A gramaticalização é considerada paradigma se observada num estudo da língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas. É considerada processo, se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais.

Pode, ainda, ser observada de duas perspectivas; diacrônica, se a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua, ou sincrônica, se a preocupação estiver voltada para a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluídos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático.

4.1 Parâmetros de gramaticalização

Nesta pesquisa, a gramaticalização é compreendida como um processo observado e descrito sincronicamente, em construções com os verbos-suporte *dar/levar*, sob o enfoque da unidirecionalidade como um fenômeno em que se pode ocorrer mudanças nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, considerando ser uma hipótese passível de verificação empírica.

Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) abordam quatro parâmetros de gramaticalização envolvida na inter-relação da expressão linguística. Martelotta (2011, p. 106-110 apud HEINE; KUTEVA, 2007) também apresenta os mesmos parâmetros de gramaticalização, a seguir:

- i) A **dessemantização** ou o **desbotamento semântico** corresponde a uma perda semântica do item linguístico ou parte do seu sentido original. É resultado de uso de formas linguísticas com significado concreto que são reinterpretadas em contextos específicos com sentidos gramaticais mais abstratos. A dessemantização é frequentemente estimulada por processos metafóricos. O item linguístico que sofre esse processo pode apresentar perda de uma de suas funções.
- ii) A **extensão** representa novos valores pragmáticos. O elemento linguístico adquire propriedades características dos seus usos em

novos contextos, mantendo reflexos do sentido original. Admite-se nesse parâmetro que a extensão ocorre quando um item lexical passa a ser usado em contextos ainda não utilizados anteriormente por ele. Por isso, se diz que a mudança muitas vezes começa em novos contextos.

- iii) A **decatégorização** constitui uma perda morfossintática das propriedades características da forma original.
- iv) A **erosão**, também chamada de redução fonética, compreende uma perda da substância fonética, o que faz com que o elemento linguístico se torne mais frequente em seu uso em mais contextos. Trata-se do parâmetro menos importante nos processos de gramaticalização; contudo, admite-se sua existência.
- v) Nos mecanismos de **dessemantização, decatégorização e erosão** ocorrem perda de propriedades do item lexical, mas eles adquirem outras características em novos contextos de usos. Os parâmetros citados não são específicos da gramaticalização, mas juntos são responsáveis por ela.

Os enfoques teóricos sobre gramaticalização buscam oferecer uma abordagem explanatória sobre como as categorias gramaticais surgem e como se desenvolvem. Essa passagem de item lexical a item gramatical é a questão que se pretende investigar nesta pesquisa, com o uso dos verbos *dar/levar*. Muitas questões se colocam em torno dessa problemática, por exemplo: (i) há critérios que possam delimitar quando um item lexical em uma construção está sendo gramaticalizado? (ii) A noção de verbo-suporte perde suas características sintáticas, sendo considerada incluída nas palavras gramaticais? (iii) em que condições *dar/levar* faz parte de uma construção com verbo-suporte? (iv) em que condições *dar/levar* está gramaticalizado? (v) até que ponto a noção de gramaticalização de um verbo pode interferir na delimitação de entradas lexicais para a inserção em dicionários eletrônicos?

5 Descrição dos verbos-suporte *dar/levar* à luz do Léxico-Gramática

5.1 Como identificar um verbo pleno

O verbo pleno, também denominado de verbo principal, de acordo com Travaglia (2003, p. 311-312), funciona como núcleo do predicado e rege complementos diretos. É um sintagma verbal simples, porque compõe predicados simples (verbo predicador), que tem conteúdo nocional, valor lexical e expressa ações, fatos, fenômenos, etc. Por exemplo,

- (1) *João deu um vestido/uma blusa/um livro para Maria.*
 (2) *João levou um vestido/uma blusa/um livro para Maria.*

Os complementos exercem papéis independentes na estrutura argumental (predicado e argumentos) e guardam cada um ao seu modo, total independência semântica.

Os verbos *dar/levar* são verbos plenos, quando funcionam como núcleo do predicado. Para verificar se o verbo é pleno, torna-se necessário fazer a distribuição do sujeito e dos complementos. Esses dois são livres, fixando o verbo, os argumentos podem ser substituídos. Segundo Pacheco e Laporte (2013), quando o sujeito e os complementos de uma oração podem ser substituídos, sem que haja mudança no sentido do verbo, trata-se de um verbo pleno.

Os verbos *dar/levar*, nas orações (1) e (2), possuem um comportamento autônomo, têm uma estrutura semântico-lexical que lhes permitem abrir lugares vazios destinados a argumentos, podendo desempenhar sozinhos a função de predicação. Além disso, selecionam elementos que desempenham a função de sujeito, atribuindo-lhe papel semântico/temático, impondo restrição de seleção semântica, veiculam a noção de transferência e projetam pelo menos três argumentos. O verbo pleno é responsável pela predicação na

oração, determinando a distribuição de seus argumentos. Além de possuir um sentido próprio, o verbo *levar*, nesse caso, impõe restrições de seleção aos argumentos, quanto à sua distribuição semântica, como se pode observar, por exemplo,

- (3) **Maria leva um dia para seu aluno*⁴.

O verbo pleno pode ser o mesmo que compõe uma estrutura com verbo-suporte com em

- (4) *João deu um susto em Maria*
 (5) *João levou um susto de Maria.*

Porém, no caso de verbo-suporte, o verbo não constitui o núcleo do predicado para o preenchimento da estrutura argumental na construção de orações, porque divide a responsabilidade da predicação com o nome que com ele co-ocorre.

5.2 Como identificar um verbo-suporte

Uma das operações utilizadas para se identificar o verbo como verbo-suporte proposto pelo Léxico-Gramática é aplicação de critério sintático formal, ou seja, quando se aplica o teste de transformação sintática. Esse método consiste em passar uma oração base para a forma relativa e, em seguida, reduzi-la, retirando o verbo. Se confirmada a hipótese de que o sentido da oração original foi preservado, mesmo sem o verbo, no resultado

⁴ O Léxico-Gramática utiliza o "*" para indicar inaceitabilidade enquanto frase. O uso do "*" no contexto da avaliação de equivalência de sentido entre frases significa que o julgamento de aceitabilidade (positivo ou negativo) diz respeito só à equivalência de sentido entre tais frases, no contexto em que elas estão sendo analisadas.

da transformação, trata-se de um verbo-suporte, como se pode observar no seguinte exemplo:

- (6) *João deu um bolo em Maria sem motivo*
 - [Rel] *O bolo que João deu em Maria foi sem motivo*
 - [GN] *O bolo de João em Maria foi sem motivo.*

O exemplo em (6) ilustra um caso de verbo-suporte, pois o verbo *dar*, como prova essa operação, pode ser subtraído sem prejuízo à manutenção do sentido da oração ativa. Com o mesmo critério aplicado no exemplo com o verbo *levar* em

- (7) *Maria levou um bolo de João sem motivo*
 - [Rel] *O bolo que Maria levou de João foi sem motivo*
 - [GN] *O bolo de João em Maria foi sem motivo,*

observa-se o mesmo resultado. O sentido do exemplo (6) com o verbo *dar* é o mesmo apresentado na oração transformada do exemplo (7) com o verbo *levar*. Isso quer dizer que *dar* é um verbo-suporte que estabelece uma relação de correspondência semântica com o verbo *levar*.

Mas, aplicando-se o mesmo critério em

- (8) *João deu um bolo de chocolate para Maria*
 - [Rel] *O bolo de chocolate que João deu para Maria estava gostoso*
 - [GN] **O bolo de chocolate de João para Maria estava gostoso e*
- (9) *João levou um bolo de chocolate para Maria*
 - [Rel] *O bolo de chocolate que João levou para Maria estava gostoso*
 - [GN] **O bolo de chocolate de João para Maria estava gostoso,*

observa-se que o resultado da operação de transformação sintática não preserva o sentido da oração ativa como em (6) e (7), porque não se trata

de um caso de verbo-suporte, mas sim, de um acaso de verbo pleno. Isso acontece porque o verbo apresenta uma distribuição livre para os seus argumentos, permitindo outros resultados, por exemplo, em

- (10) *João dá um bolo de chocolate/um doce/um pastel/um chiclete/um sorvete para Maria e*
- (11) *João leva um bolo de chocolate/um doce/um pastel/um chiclete/um sorvete para Maria.*

Os sentidos de *dar um bolo* em (6) e (8) são diferentes. Em (6) o *Npredbolo* impõe restrição semântica, porque representa uma metáfora de ausência, o que favorece o distanciamento do sentido prototípico do verbo *dar*. Já em (8) o verbo *dar* denota o seu sentido prototípico de transferência, em que se pode observar o deslocamento do *Npredbolo* de *João* para *Maria*.

Uma construção com verbo-suporte sempre pode ser modificada de uma forma que o verbo-suporte seja retirado, sem alteração do sentido do nome. Em todos os exemplos *dar um susto*, *dar um calote*, *dar um fora*, *dar um bolo* e *dar um chute*, aplicando-se o mesmo critério, verifica-se que o verbo *dar* é verbo-suporte seguido de um substantivo predicativo, porque se pode obter o mesmo sentido sem a presença do verbo *dar* no resultado das transformações sintáticas, conforme a aplicação do critério apresentado. É o nome predicativo que impõe restrições de seleção ao preenchimento lexical das posições argumentais, selecionando um sujeito humano. Em todos os casos, é observada a relação de correspondência semântica entre os verbos *dar/levar*.

Em caso de dúvidas, podem-se recorrer a outras transformações sintáticas para se constatar se é possível ou não a manutenção do sentido entre duas oraçõessem a presença do verbo como, por exemplo, em

(12) *João deu um susto em Maria e ela desmaiou e*

(13) *Depois do susto de João em Maria ela desmaiou.*

Observa-se que em (13) o sentido é preservado.

5.3 Descrição das propriedades

5.3.1 Propriedades estruturais

A primeira propriedade é (i) o número de argumentos: nas construções com *verbos-suportes* seguidos de *Npred* as propriedades estruturais se referem aos seus componentes – número de argumentos, tipos de preposição que introduzem os complementos e os determinantes que os acompanham. Na análise do Léxico-Gramática, em construções com verbo-suporte, o nome que acompanha o verbo não é um argumento e sim um nome predicativo.

Por definição, o verbo-suporte não tem argumentos. No caso de construções com verbo-suporte, quem subcategoriza argumentos é o núcleo do predicado. Nos exemplos

(14) *João deu um tiro em Maria e*

(15) *Maria levou um tiro de João,*

os dois argumentos *João* e *Maria* são subcategorizados pelo *Npred*, (*um tiro*). No caso de verbo pleno, os verbos plenos *dar/levar* subcategorizam três ou quatro argumentos (*alguém dar algo para alguém/alguém levar algo de algum lugar para alguém/algum lugar*), por exemplo,

(16) *João deu uma rosa para Maria,*

(17) *João levou uma rosa da floricultura para Maria;* ou ainda

(18) *Pedro levou uma rosa da floricultura de João para a casa de Maria.*

(ii) Preposição: na oração com sentido ativo, com o verbo *dar*, o complemento N_1 *Maria* é introduzido pela preposição *em*, mas na oração com sentido passivo com o verbo *levar*, a preposição *em* é substituída pela preposição *de*. Por exemplo, em

(19) *João deu um fora (*para+em) Maria;*

(20) *Maria levou um fora (*para+de) João;*

(21) *João deu um bolo (*para+em) Maria e*

(22) *Maria levou um bolo (*para+de) João.*

Também se observa que há restrição quanto ao tipo de preposição para introduzir o complemento N_1 *Maria*, na oração com sentido ativo, como, por exemplo, em

(21) *João deu um bolo em Maria e*

(22) **João deu um bolo para Maria.*

Essa restrição de sentido de (22) em relação a (21) com a substituição da preposição *em* por *para* altera o sentido da construção, visto que (21) tem um sentido metafórico, isto é, significa a ausência a um encontro. Em (22), passa-se a denotar um objeto concreto comestível, um bolo. A escolha da preposição altera o sentido. Essa mudança semântica implica uma mudança na classificação de verbo pleno a verbo-suporte, considerando que em (21) tem-se um caso de verbo-suporte e em (22) um caso de verbo pleno.

(iii) Determinante indefinido seguido de um modificador: quanto ao tipo de determinantes presentes nas construções com verbo-suporte e *Npred* acontecem devido à relação entre N_0 (sujeito) e o *Npred*, ou seja, o *Npred* seleciona não só o N_0 , como também o determinante. Segundo

Giry-Schneider (1987, p. 26-32) e Ranchhod (1990, p. 54-64), o *Npred* não pode receber determinantes que o coloquem fora da esfera de referência com o sujeito, isto é, da relação. Há restrições entre o sujeito e o *Npred*, já que essa é uma das características das construções com verbo-suporte.

A ocorrência desse tipo de determinante é condição necessária para que haja a redução do verbo-suporte e a formação do grupo nominal complexo. Verifica-se que na formação da oração relativa o determinante indefinido desaparece dando lugar ao definido como, por exemplo, em

- (23) *João deu um susto legal em Maria*
 – [Rel] = *O susto que João deu em Maria foi legal*
 – [GN] = *O susto de João em Maria foi legal.*

5.3.2 Propriedades distribucionais

(i) Tipo de complementos: as propriedades distribucionais estão relacionadas à natureza semântica dos argumentos selecionados pelo verbo nas posições de sujeito e complemento. De acordo com Barros (2014), os nomes humanos (*Nhum*) são aqueles que só se aplicam a pessoas e instituições. Já os *Nnhum* são os não-humanos, ou seja, nomes de animais ou objetos.

Os *Npredcalote* e *fora* quando acompanham os verbos *dar/levar* só aceitam um *N0e N1Nhum*, por exemplo,

- (24) *João deu um calote em Maria;*
 (25) *Maria levou um calote de João;*
 (26) **João deu um calote no cão;*
 (27) **O cão levou um calote de João;*
 (28) **João deu um fora no carro;*
 (29) **O carro levou um fora de João.*

Todos os demais *Npred* da lista de exemplos analisados aceitam *N0* como sendo *Nhum* ou *Nnhum*. Por exemplo,

- (30) *João deu um soco em Maria*
 (31) *Maria levou um soco de João;*
 (32) *João deu um chute no cão*
 (33) *O cão levou um chute de João.*

5.3.3 Propriedades transformacionais

É por meio das propriedades transformacionais que se analisa a possibilidade de transformação das estruturas estudadas em suas construções sintáticas sem que haja alteração de sentido.

(i) Formação de passiva – uma das propriedades transformacionais utilizadas na descrição do uso dos verbos-suporte *dar/levar* seguido de *Npred* é a possibilidade de formação da construção passiva com o verbo auxiliar *ser*, chamada de passiva analítica. As orações com verbo-suporte, às vezes, partilham com os verbos plenos algumas propriedades sintáticas gerais. Nessa transformação, o verbo *ser* é conjugado no tempo e modo do verbo-suporte da oração base e o próprio verbo-suporte passa para o particípio passado, conforme se pode observar nos dois casos a seguir:

Verbo pleno:

- (34) *João deu um livro a Maria.*
 [Passiva] = *Um livro foi dado à Maria por João.*
 (35) *João levou um livro para Maria.*
 [Passiva] *Um livro foi levado por João à Maria.*

Verbo-suporte:

(36) *João deu um calote em Maria.*

[Passiva] = *Um calote foi dado em Maria por João.*

(37) *Maria levou um calote de João.*

[Passiva] = *Um calote foi levado por Maria.*

Há casos em que o verbos-suportes se distinguem das orações com verbos plenos na medida em que apresentam propriedades formais que lhes são próprias. Observa-se que, em alguns casos, geram sentenças cuja aceitabilidade é duvidosa, porque o verbo não se encontra em sua forma prototípica. Uma construção que não tem objeto direto não tem passiva, por exemplo,

(38) *João deu um tiro em Maria;*

(39) *Maria levou um tiro de João*

[Pass] = ** Maria foi atirada por João*

(na lagoa, no precipício, etc.). Nesse caso, o sentido de *ser atirada* não corresponde a *levar um tiro*, e sim, *ser lançada* em algum lugar por *João*.

(ii) Nominalização – há, também, algumas diferenças, quando o verbo-suporte + o *Npred* apresentam uma forma nominalizada com sentido correspondente, por exemplo, em

(40) *João assustou/apedrejou/chutou/caloteou Maria*

[Pass] = *Maria foi assustada/apedrejada/chutada/caloteada por João.*

Mas com os *Npredbolo e fora* isso não ocorre. Há um bloqueio da relação substantivo/verbo, porque não temos a forma nominalizada como se observa em, por exemplo, em

(41) *João deu um bolo em Maria;*

(42) ** João bolou Maria;*

(43) ** Maria foi bolada por João;*

(44) *João deu um fora em Maria;*

(45) ** João forou Maria;*

(46) ** Maria foi forada por João.*

(iii) Conversão [Conv] – teste que, segundo Gross (1989), é uma operação sintática em que há a permuta do argumento com função de sujeito pelo argumento que é o complemento nominal preposicional, em torno do núcleo predicativo da oração, sem que o sentido global seja alterado. O complemento da oração de base ocupa a posição de sujeito da oração conversa, e o sujeito da oração de base se torna o complemento preposicional introduzido por *de* seguido de um *Nhum*, na oração conversa como, por exemplo, em

(47) *João deu uma bronca em Maria;*

(48) [Conv] *Maria levou uma bronca de João.*

(iv) Restrição imposta pelos verbos-suportes *dar/levar* – a estrutura argumental do verbo *dar/levar* das orações analisadas não é selecionada pelo verbo, mas sim pelo nome – chamado Nome Predicativo (*Npred*). Baptista (2005, p. 26) destaca que, na medida em que o verbo-suporte é apenas um auxiliar gramatical do nome predicativo, ele pode, sob certas condições, ser substituído por outro verbo sem que isso acarrete perda de informação importante. Mas isso não ocorre nos casos analisados, em que as construções com os verbos *dar/levar* estabelecem correspondência semântica, porque a

troca do verbo impõe restrição de seleção ao nome como se pode observar, por exemplo, em

(49) *João deu um susto em Maria;*

(50) **João ofereceu/concedeu/doou/jogou emprestou um susto em Maria;*

(51) *Maria levou um susto de João;*

(52) **Maria recebeu/aceitou/ganhou/carregou um susto de João.*

6 Análise dos verbos-suporte *dar/levar* à luz dos parâmetros de gramaticalização

A partir da aplicação de critérios sintáticos formais, para identificar os casos em que verbo *dar/levar* são verbos-suportes, pretende-se investigar se o uso desses verbos como verbo-suporte é um caso de gramaticalização, à luz de três dos parâmetros de gramaticalização, a saber:

6.1 A dessemantização

Pela contribuição do critério que identifica a passagem do verbo pleno *dar* e *levar* verbo-suporte, em estudos feitos com orientação do Léxico-Gramática, observa-se a dessemantização. Ocorre uma mudança na grade argumental subcategorizada por esses verbos que destacam a mudança e perda do sentido prototípico do verbo pleno *dar* e *levarem* relação ao sentido desses verbos como verbo-suporte.

A dessemantização ocorre no uso do verbo-suporte, considerando-se que na aplicação do critério de transformação da voz ativa para passiva e subtração do verbo é possível a manutenção do sentido da oração base, sem a presença do verbo, conforme descrição apresentada na identificação de verbos-suporte. Isso significa que a semântica do verbo não é imprescindível

à significação da oração, o que confirma uma dessemantização do verbo-suporte.

Descrevendo os sentidos de *dar* e *levar*, em cada exemplo, como verbo-suporte observa-se que eles contribuem pouco ao sentido da oração, e a prova é simples: sempre existem formas sintáticas em que o (*Npred*) que acompanha o verbo *dar/levar* pode aparecer sem esses verbos-suporte. Se a contribuição semântica do verbo-suporte fosse importante, sua remoção provocaria uma mudança de sentido.

O verbo-suporte sofre um processo de dessemantização, perde traços de significado, que são assumidos pelo *Npred*, e passa a atuar sobre uma forma nominal, constituindo com ela uma unidade de sentido responsável pela configuração sintático-semântica de predicação.

Há, também, exemplos do uso dos verbos *dar* e *levar* seguido de *Npred* metafórico, por exemplo, em

(21) *João deu um bolo em Maria*

(22) **João deu um bolo para Maria.*

Isso tem a ver com a mudança de sentido do verbo, e, só na descrição, pela observação da propriedade estrutural – tipo de preposição que introduz os complementos – que se pode verificar essas diferenças de sentido. Nos estudos sobre gramaticalização, esse fato pode se relacionar com a perda do sentido original forma-fonte em relação à forma-alvo, o que representa uma propriedade de um item gramaticalizado.

6.2 A extensão

A extensão, além da mudança de sentido na passagem de verbo pleno a suporte, pode ser percebida também, em alguns casos de verbo-suporte analisados que apresentam uma estrutura ambígua, e assumem novos

sentidos expressos pelas construções metafóricas, como o caso de *dar um bolo* e *edar um chute* com sentido físico (na perna de alguém) e com sentido metafórico (na vida). Em ambos os casos, trata-se de verbo-suporte.

6.3 A decategorização

Segundo Bybee (apud HOPPER, 1991), a decategorização é o termo aplicado ao conjunto de processos pelos quais um substantivo ou verbo perde suas propriedades morfossintáticas no processo de tornar-se um elemento gramatical. A decategorização pode ser observada por uma mudança de propriedade dos verbos-suporte *dar/levar*, em relação ao verbo pleno, considerando que o verbo pleno pode ter dois complementos, por exemplo, em

(53) *João deu um anel de sua mãe para Maria e*

(54) *João levou a filha da escola para a pracinha.*

Com o verbo-suporte, a mesma estrutura não produz sentido, por exemplo, em

(55) **João deu um susto de sua mãe para Maria e*

(56) **João levou um susto de João para a pracinha.*

Na decategorização, um item lexical “perde” ou “neutraliza” os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas (função lexical) na condição de verbo-suporte (função gramatical). Corrobora o Léxico-Gramática a visão de Vitral (2006), que indica, também, em relação aos critérios que nos permitem a identificação de um processo de gramaticalização, dois conjuntos de critérios que são interdependentes, um deles é o critério sintático e semântico.

Conclusão

A contribuição do Léxico-Gramática para este estudo é a identificação das construções com verbo-suporte por meio de transformação de sintática. Este critério, que não é usado fora do Léxico-Gramática, é justamente o melhor para identificar as construções com verbo-suporte. Os outros critérios não são decisivos e são menos formais. Além disso, a contribuição do Léxico-Gramática é histórica. O trabalho de delimitação do que é ou não é uma construção com verbo-suporte foi feito originalmente pelo Léxico-Gramática, a partir dos anos 1970 (por exemplo, LABELLE, 1984). Antes, a noção de verbo-suporte (ou verbo leve na época) era uma intuição vaga, e a partir daí passou a ser uma noção científica.

Em construções, por exemplo, *dar um susto = assustar* não são palavras gramaticais. Palavras como *de, que, o* servem a funções gramaticais. A construção *dar/levar um susto* não serve a funções gramaticais e não foi gramaticalizada. *Assustar* não serve a funções gramaticais. Se gramaticalizar quer dizer passar a servir a funções gramaticais, então *assustar* não foi gramaticalizado. A gramaticalização é somente do verbo na passagem da função lexical, como pleno, para a função gramatical, como verbo-suporte.

O fato de o verbo-suporte ser vazio de sentido é a razão para considerar que não tem valor lexical. Se não tem valor lexical, automaticamente tem valor gramatical. Uma palavra, dentro de um contexto determinado, é lexical ou gramatical. Quanto menos lexical, tanto mais gramatical. Em *dar um susto, levar um susto, dar e levar* são verbos-suportes, servem a funções gramaticais, são palavras gramaticais e, portanto, foram gramaticalizados, já que na história do idioma eles já foram verbos plenos e continuam servindo a esta função também. Em *dar um livro, levar um livro, dar e levar* são verbos plenos, não servem a funções gramaticais, não são palavras gramaticais e,

portanto, não foram gramaticalizados. Os verbos *dar* e *levar* têm propriedades diferentes, dependendo do contexto de uso.

Podem-se enumerar algumas propriedades do comportamento sintático-semântico dos verbos *dar/levar*, funcionando como verbo-suporte, que podem ser vistas, pelo aproveitamento de critérios, a partir da orientação do Léxico-Gramática e do enfoque dos Parâmetros de Gramaticalização, que possibilitaram chegar à conclusão de que os verbos-suportes *dar* e *levar*, nos exemplos apresentados, apresentam características de palavras gramaticais, conforme a seguir:

- 1) o verbo perde a autonomia semântica, ou seja, não exprime os sentidos de transferência como o verbo pleno *dar*, nem o de movimento espacial como verbo pleno *levar*;
- 2) as funções sintáticas de sujeito e objeto passam a depender intrinsecamente do *Npred*;
- 3) na medida em que é vazio de sentido, veiculando apenas valores de natureza gramatical, o *Vsup* contribui com pouca ou nenhuma informação para a oração, porque pode reduzir-se sem que o conteúdo global da oração se altere, pois o sentido da informação veiculada se concentra no nome;
- 4) tal redução pode assumir diferentes formas, a mais frequente é a formação de um grupo nominal (GN) cuja cabeça é o *Npred* acompanhado de seus argumentos;
- 5) há uma transferência do núcleo predicativo do verbo para o constituinte nominal, que passa a funcionar como *Npred*;
- 6) o verbo-suporte passa a ter como característica um sentido mais gramatical, decorrente dos processos de criação de construções com novos sentidos, em uso no português do Brasil;
- 7) a gramaticalização dos verbos suporte *dar/levar* serve à expansão do sentido do verbo, para atender as nossas necessidades de comunicação.

Em estudos que visam à delimitação das entradas lexicais com os verbos *dar* e *levar* como verbos plenos, é preciso excluir as construções sintáticas em que eles estão gramaticalizados, ou seja, são verbos-suporte. Mas, o fato de o verbo-suporte poder ser interpretado como um item lexical gramaticalizado não interfere na delimitação de entradas lexicais como verbo-suporte, porque eles não perdem as suas propriedades.

Referências

- ATHAYDE, Maria Francisco. Construções com verbo-suporte (Funktionsverbgefüge) do português e do alemão. *Cadernos do CIEG – Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos*, Coimbra, Faculdade de Letras, n. 1, p. 3000-3447, 2001.
- BAPTISTA, Jorge. Sermão, tarefa e facada: uma classificação das expressões conversas dar-levar. *Seminários de linguísticas*, n. 1, p. 43-75. Universidade do Algarve: Faro, 1997.
- _____. *Sintaxe dos Predicados Nominais com SER e DE*. Lisboa: F. Calouste Gulbenkian/FCT, 2005.
- BARROS, Cláudia. *Descrição de classificação de predicados nominais com verbo-suporte fazer: especificidades do Português do Brasil*. 2014. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.
- BASÍLIO, Margarida. *Introdução: Questões clássicas e recentes na delimitação de unidades lexicais*. In: BASÍLIO, M. (org.). *A Delimitação de Unidades Lexicais. Palavra*, v. 5, n. 1, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1999.
- BORBA, Francisco. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BRAGA, Maria. L.; PAIVA, Maria C. Gramaticalização e gramática de construções: estabilidade e instabilidade no uso de orações complexas de causa em tempo real. *InLet&Let*. Uberlândia, v. 27, n. 1, p. 51-70, jan.-jun., 2011.
- BYBEE, Joan. Cognitive processes in grammaticalization. In: THOMASELLO, M. (ed.). *The New Psychology of Language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc, 2002. v. II. p. 145-167
- CEZÁRIO, Maria M. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-33.

- CHACOTO, Lucília. *O verbo fazer em construções nominais predicativas*. Tese (Doutorado) – Universidade do Algarve, 2005.
- DAVEL, Alzira. *Um estudo sobre o verbo-suporte na construção DAR+SN*. 2009. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- DURAN, Magali S. et al. Identifying and Analyzing Brazilian Portuguese Complex Predicates. In: *Proceedings of the real Workshop on Multiword Expression: from parsing and Generation to the real word*. Portland, Oregon, USA: Association for Computational Linguistics, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, Maria A. *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013. p. 13-41.
- GIRY-SCHNEIDER, J. *Les nominalisations en français*. Genova: Librairie Droz, 1978.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GROSS, Maurice. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann, 1975.
- _____. *Méthodes empiriques en syntaxe*. In: PERROUX, F.; GADOFFRE, G.; LICHNEROWICZ, R. (eds.). *Structure dynamique des systems*. Paris: Maloine-Doin, 1976. p. 149-163.
- _____. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Languages*, Paris: Larousse, v. 63, p. 7-52, 1981.
- GROSS, Gaston; VIVÈS, Robert. *Syntaxe des nouns*. Langue Française. Paris: Larousse, 1988.
- GROSS, Gaston. *Les constructions converses Du français*. Genève: Librairie Droz, 1989.
- _____. *Les prédicats nominaux en français*. Genève: Librairie Droz, 1978.
- HARRIS, Zellig. The Elementary Transformations. Philadelphia: University of Pennsylvania, *Transformations and Discourse Analysis Papers*, n. 54, 1964. Reimpresso em *Papers on Syntax. Structural and Transformational Linguistics*. Henry Hiz, Reidel: Dordrecht, 1970. p. 211-235.
- HARRIS, Zellig. *Notes du cours de syntaxe*. Paris: Le Seuil, 1976.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul. J. One Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to Grammaticalization I*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. <http://dx.doi.org/10.1075/tsl.19.1.04hop>
- _____. TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABELLE, Jacques. *Etudes de constructions avec l'opérateur AVOIR: nominalisations et extensions*. Paris, Université Paris VIII – LDL, 1974.
- LECLÈRE, Christian. Remarques sur les substantifs opérateurs. *Langue française*, v. 11, n. 1 (Syntaxe transformationnelle du français), p. 61-76, 1971.
- LAPORTE, Éric. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxico-gramática. Tradução do francês: Francisco Antônio P. Léllis. In: *Revista (Con)textos Linguísticos*, v. 2, p. 26-51, 2008.
- _____.PACHECO, Wagner. L. Descrição do verbo *cortar* para o processamento automático de linguagem natural. In: LAPORTE, Éric. *Dialogar é preciso*. Linguística para o processamento de línguas. Vitória PPGEL/UFES, 2013. p. 165-175.
- _____. SMARSARO, Aucione; ROCHA, Lúcia. H. P. da. Um recurso linguístico para o processamento automático de linguagem natural: descrição do verbo passar. In: CARMELINO, Ana C. (org.). *Questões linguísticas diferentes abordagens*. Vitória, PPGEL/UFES, 2012. p. 141-156.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MEILLET, Antoine. *L'évolution des formes grammaticales*. *Scientia*, v. 12, n. 26, 1965. Reimpresso em A. MEILLET. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912.
- NEVES, Maria H. M. *Estudo das construções com verbo-suporte em português*. In: KOCH, I. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. v. VI: Desenvolvimentos.
- RANCHHOD, Elizabeth M. *Sintaxe dos predicados nominais com Estar*. Lisboa: INIC – Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.
- RASSI, Amanda P; VALE, Oto. A. Tipologia das construções verbais em PB: uma proposta de classificação do verbo dar. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 105-130, 2013.

SCHER, Ana P. *As construções como verbo leve dar e nominalização em -ADA no português do Brasil*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

SMARSARO, Aucione; PICOLI, Larissa. Propriedades sintático-semânticas de verbo Adj-ecer. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, XIV., 2013, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*, v. XVII, p. 335-343, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2003.

TROUSDALE, Graeme; TRAUGOTT, Elizabeth. Gradience, gradualness and grammaticalization: how do they intersect? In: TROUSDALE, G.; TRAUGOTT, E (eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. <http://dx.doi.org/10.1075/tsl.90>

VITRAL, Lorenzo Teixeira; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

VIEIRA, Márcia dos Santos M. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. 2001. 362 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

Recebido em 20/04/2015.

Aceito em 04/08/2015.